

## BEAUVOIR E RICOEUR: A IDENTIDADE NARRATIVA ANÁLISE DE UMA CRISE IDENTITÁRIA EM *A CONVIDADA* DE SIMONE DE BEAUVOIR <sup>1</sup>

### BEAUVOIR ET RICOEUR — L'IDENTITÉ NARRATIVE ANALYSE D'UNE CRISE IDENTITAIRE DANS *L'INVITÉE* DE SIMONE DE BEAUVOIR

Annlaug Bjorsnos\*

Tradução de Eliana de Moura Castro\*\*

Revisão de Jacyntho Lins Brandão\*\*\*

#### RESUMO

Este artigo examinará os usos da teoria da identidade narrativa de Paul Ricoeur aplicados ao estudo de *A Convidada (L'Invitée)* de Simone de Beauvoir e demonstrará que há paralelos significantes entre as perspectivas filosóficas dos dois autores. A noção de identidade é central tanto para o romance de Beauvoir quanto para a filosofia de Ricoeur. Enquanto uma existencialista, Beauvoir é inspirada bem mais pela noção de identidade baseada na ação e experiência prática do que em qualquer premissa essencialista. De forma similar, a filosofia de Ricoeur é geralmente vista como uma “filosofia da ação humana”, uma interpretação que, em primeiro plano, ressalta a importância da intersubjetividade em sua aproximação ao conceito de *si-mesmo* e à identidade. Este artigo propõe trazer nova luz às possibilidades interpretativas de conceitos usados por Ricoeur, tais como o sentido de independência do termo *si* ou *próprio* ou *si-mesmo*, relacionando-os com o reconhecimento da alteridade no romance de Beauvoir.

---

<sup>1</sup>Este artigo foi publicado originalmente em *Revue Romane*. 43:1 (2008)108-124. DOI 10.1075/rro. 43.1 09bjo ISSN 0035 – 3906/ E- ISSN 1600- 0811 © John Benjamins Publishing Company. Nossos sinceros agradecimentos ao Editor pela licença concedida à tradução e à publicação do texto na *Sapere Aude*.

**Many thanks to John Benjamins Publishing Company.**

\* Professora doutora do Department of Language and Literature. Faculty of Humanities. Norwegian University of Science and Technology (NTNU), Trondheim, Norway, Noruega. Suas áreas de especialização incluem surrealismo, existencialismo e os escritos de Simone de Beauvoir, com vários artigos publicados sobre Simone de Beauvoir, Jean-Jacques Rousseau, Joyce Mansour e Paul Ricoeur. E-mail: [annlaug.bjorsnos@ntnu.no](mailto:annlaug.bjorsnos@ntnu.no)

\*\* Professora Doutora da Faculdade de Psicologia da UFMG. Psicanalista.

\*\*\* Professor Doutor da FALE. UFMG.

PALAVRAS-CHAVE: Ricoeur; Beauvoir; Identidade, Ação humana, o Si-mesmo.

#### ABSTRACT

This article will examine the uses of Paul Ricoeur's theory of narrative identity for the study of Simone de Beauvoir's *L'Invitée* (She Came to Stay) and will show that there are significant parallels between the two writers' philosophical perspectives. The notion of identity is central both to Beauvoir's novel and to Ricoeur's philosophy. As an existentialist, Beauvoir is inspired by a notion of identity based on action and practical experience rather than on any essentialist premise. Similarly, Ricoeur's philosophy is generally regarded as a "philosophy of human action", an interpretation which foregrounds the importance of intersubjective interaction in his approach to self and identity. By means of a close reading of the main character's identity crisis, with reference to Ricoeur's reflections, this article proposes to shed new light on the way in which the battle for selfhood is inextricably interwoven with the recognition of otherness in Beauvoir's first novel.

KEYWORDS: Ricoeur; Beauvoir; Identity; Human Action; Selfhood.

O primeiro romance de Simone de Beauvoir oferece uma oportunidade privilegiada para estudar o modo como a questão da identidade pode articular-se nas suas formas literária e antropológica. Beauvoir nunca apresentou uma teoria da identidade, o que não quer dizer que a questão não lhe interessava. Ela simplesmente a abordou com a terminologia da sua época, que estava mais de acordo com sua orientação filosófica. Apoiando-se em alguns conceitos-chave elaborados por Paul Ricoeur, este artigo propõe mostrar que a temática da identidade constitui o núcleo de *A Convidada*. Nesse romance, a Beauvoir existencialista inspira-se numa concepção de identidade definida pelos parâmetros da ação e não pelos da essência. Esse é também o ponto de partida de Ricoeur, para quem *agir* ou *fazer* predominam sobre *ser*.

*A Convidada* põe em cena uma mulher atormentada pelas ideias de transparência para si mesma e de onipotência da consciência, mulher à qual as circunstâncias da vida fazem perder suas certezas. A visão-de-mundo de Françoise, a personagem principal, será desafiada ou mesmo contestada pela opacidade, ou melhor, pela resistência que os outros

representam, resistência encarnada antes de tudo por Xavière. Isso a tal ponto que a sua imagem será gravemente abalada. No final do relato, Françoise age de modo a contestar todas as normas éticas e existenciais que defendia anteriormente. O que acontece com ela? É tomada por uma perturbação da identidade tão radical que termina num ato irreparável, representação cujo peso existencial nós conhecemos também através de outras obras existencialistas.

Atualmente, mais de sessenta anos depois da publicação de *A Convidada* (1943), o conceito de identidade se enriqueceu, seguindo a inegável individualização da sociedade ocidental. É tão usado, tanto na linguagem comum como em quase todas as disciplinas científicas, que é difícil utilizá-lo com precisão e distância crítica.<sup>2</sup> No entanto, sua popularidade só pode ser indício de uma certa realidade vivida e, portanto, de uma experiência percebida como importante na nossa esfera cultural. Nos anos 1940-50, época em que o referido romance aparece, é o tema da condição humana que interessa principalmente ao círculo de filósofos e escritores existencialistas ao qual pertence Simone de Beauvoir. Segundo Hazel Barnes, esses escritores iniciam uma mudança de perspectiva filosófica que a partir de então marcará a literatura, mudança que diz respeito ao Sujeito: tendo sido até então estudado a partir de sua essência psicológica, é a dimensão existencial do Sujeito que solicita o interesse dos escritores em questão, segundo a ideia *a priori* da Existência em relação ao Ser.<sup>3</sup> Assim, os escritores existencialistas não escrevem para a eternidade, mas para a sua geração e para iniciar os debates sobre as questões do seu tempo. Segundo eles, a literatura, como qualquer outro fenômeno, é “situada”. Consequentemente, em vez de tratar da natureza humana, cujo caráter universal contestam veementemente, visam eles a uma nova definição do homem que leve em consideração as situações específicas nas quais se encontra e seu comportamento nessas situações. Trata-se, é claro, de situações exemplares que têm um caráter universal, próprio para mostrar o leque de escolhas possíveis para a consciência humana livre. Mesmo que a vida emocional não seja

---

<sup>2</sup> Jean-Claude Kaufmann, em *Invention de soi: une théorie de l'identité* observa justamente o caráter inflacionado e polissêmico do termo, bem como, consequentemente, a dificuldade de usá-lo no contexto da ciência.

<sup>3</sup> “Jean-Paul Sartre [...] sustenta que há uma clivagem aguda entre a literatura produzida antes da segunda guerra mundial e as obras das últimas duas décadas. Albert Camus concorda, sem entretanto acentuar o caráter abrupto da mudança: ‘O assunto central da arte’, ele diz, ‘foi alargado da psicologia à condição humana’”(BARNES, 1961, p. 9).

repudiada por esses escritores, é antes de tudo a reflexão consciente do sujeito, suas atitudes, seus valores, suas ações e reações, enfim, suas escolhas que interessam nesse novo esforço para definir o homem.

Testemunhos da nova tela de fundo conceitual e ideológica que constitui a filosofia existencialista, os romances de Beauvoir tratam do indivíduo na sua relação com o mundo: é na interação com os outros que o sujeito se forma. Em oposição à corrente solipsista que se pode ver em Sartre, para quem as consciências se encontram irremediavelmente separadas e a estrutura básica de toda relação humana é o conflito, o jogo de reciprocidade contribui para formar o sujeito beauvoiriano. Para ela, a consciência individual parece muito mais permeável aos discursos dos outros que na ótica sartriana.<sup>4</sup> Por sua estruturação, *A Convidada* oferece uma ocasião privilegiada de estudar o processo de desenvolvimento identitário segundo Beauvoir. Como notou E. Fallaize (FALLAIZE, 1988, p.28), há em *A Convidada* muito poucas referências à situação histórica e social na qual se encontram as personagens. Os poucos detalhes sobre a sociedade em causa, assim como a topografia limitada ao itinerário repetido das personagens de café em café, de hotel em hotel, acrescidos da constância da sua rotina, criam um efeito de “música de câmara”, uma concentração, uma focalização aguda sobre a rede de relações e o jogo interpessoal em que se delineiam os destinos dos protagonistas.

Em dois capítulos inéditos de *A Convidada*, suprimidos pela autora de acordo com os conselhos de Brice Parain, Françoise exprime várias vezes seu interesse pela relação entre identidade e narração.<sup>5</sup> A junção de dois verbos, conhecer-se e narrar-se, constitui para mim uma espécie de chave para penetrar nesse universo romanesco. A perspectiva nos faz pensar na posição construtivista dos teóricos do *eu* da época contemporânea, postulando implicitamente uma cisão no seio da constituição da identidade, em que o indivíduo – para falar em termos de narratividade – se divide em sujeito-narrador e sujeito-narrado. O drama

---

<sup>4</sup> Eva Lundgren-Gothlin afirma em *Sex and Existence*: “Para Sartre, não há dialética nas relações humanas. Ao contrário, as relações humanas descrevem um círculo impossível de se quebrar. Temos de aceitar ou ser *um olhar* ou *aquele que é olhado*.” Para Beauvoir, em compensação, a ideia de uma reciprocidade nas relações humanas é demonstrada desde *Pyrrhus et Cinéas*, indicando uma diferença fundamental entre os dois filósofos: “De acordo com Beauvoir, os indivíduos podem *simultaneamente* se encontrar e se conhecer um ao outro como sujeitos, como transcendências” (LUNDGREN-GOTHLIN 1996, p.156, itálicos da autora).

<sup>5</sup> Os dois capítulos estão publicados em C. Francis e F. Gontier, *Les écrits de Simone de Beauvoir*. Ver, entre outros, os dois exemplos seguintes: “Então tudo ficava fácil; [...] Elisabeth era apenas essa história que ela contava.” (BEAUVOIR, *Les écrits*, 1979, p. 305) “Quando ela relia suas notas, descobria com deliciosa surpresa a marca de uma personalidade forte e coerente” (BEAUVOIR, *Les écrits*, 1979, p. 305).

de Françoise está intimamente ligado a uma tal cisão, o que mostrarei em seguida. Efetivamente, ela constitui o tema primordial e indica em Beauvoir um interesse pelos fenômenos ligados à questão da identidade.

A ideia de uma identidade narrativa encontra-se na filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur. Sua concepção da identidade pessoal não abandona inteiramente a ideia de uma essência identitária, mas, como no caso de certos elementos do pensamento de Beauvoir sobre o assunto, encontra-se no centro de uma discussão que a época pós-moderna conhece. No que segue, inspiro-me no modelo de Ricoeur, como desenvolvido principalmente em *Temps et récit III* (1985) e *Soi-même comme un autre* (1990). Desse modo, aproximo-me de muitos outros que demonstraram a utilidade dos conceitos de Ricoeur para a análise literária. Espero poder resgatar uma afinidade de pensamento entre os dois filósofos, desenvolvida em termos filosóficos em um e modulada na linguagem da ficção na outra.

É em *Soi-même comme un autre* – livro que o autor considera uma recapitulação de todo seu trabalho filosófico – que Ricoeur procura revelar os modos de constituição da identidade. Já o título pode indicar uma grande preocupação do filósofo em contestar o conceito cartesiano de consciência imediata de si como fonte da subjetividade. No artigo “Qu’est-ce qu’un texte?” (RICOEUR, 1986, p. 152), discutindo a relação entre texto e mundo, Ricoeur afirma a relação mediatizada que o si entretém consigo mesmo:

De um lado, a *compreensão de si passa pelo desvio da compreensão dos signos da cultura na qual o si se documenta e se forma*; de outro, a compreensão do texto não é um fim em si mesma, ela mediatiza a relação consigo de um sujeito que não encontra no *curto-circuito da reflexão imediata* o sentido de sua própria vida (RICOEUR, 1986, p.152. Itálicos da autora).

O *Si* indica a mediação reflexiva e opõe-se ao *eu* da subjetividade dada como verdade primeira e incontestável. A ideia de uma identidade narrativa, percebida como constituída pela mediação de uma história narrada, contrapõe-se, portanto à ideia de uma identidade substancial, ou, nos termos que Ricoeur utiliza em *Temps et Récit III*: “o sujeito idêntico a ele mesmo na diversidade de suas situações” (RICOEUR, 1985, p.355).

Mas Ricoeur rejeita também a posição nietzscheana na qual o sujeito é constituído num jogo retórico e linguístico, fazendo da linguagem o fator decisivo do processo de formação identitária. A linguagem é, entretanto, um fator essencial na teoria de Ricoeur:

“Mas se tudo não é linguagem, tudo, na experiência, só adquire sentido com a condição de apoiar-se na linguagem” (RICOEUR, 1992, p.209). Ele considera, com Austin, Searles e outros, que certos enunciados podem ser tidos como atos de discurso. Esses enunciados, chamados performativos, equivalem à ação, pois “o simples fato de enunciá-los equivale a realizar aquilo que é enunciado” (RICOEUR, 1990, p.57). Ricoeur usa o exemplo paradigmático da promessa: “Dizer ‘eu prometo’ é efetivamente prometer, quer dizer, engajar-se em fazer mais tarde e – digamos logo – em fazer para o outro o que eu digo agora que farei” (RICOEUR, 1990, p.57). Para Ricoeur, um enunciado não é um fato isolado, mas uma força ilocutória (implicando o fazer no dizer) que leva o eu à expressão e que implica desde logo um ouvinte: “a enunciação (...) implica ao mesmo tempo um eu que diz a um você a quem ele se dirige” (RICOEUR, 1990, p.59). Uma relação de reciprocidade é estabelecida e “a interlocução (...) mostra ser uma troca de intencionalidades que se visam reciprocamente” (RICOEUR, 1990, p.60). A constituição do *si* inscreve-se pois precisamente num contexto interlocutivo. Assim, no próprio nível da autodesignação, a alteridade é implicada imediatamente.

O estudo das relações entre ato e agentes, bem como entre agentes, não esgota porém o tema da formação da identidade nas relações humanas. Ricoeur estabelece também um enfoque que leva em conta a dimensão temporal. Ele preocupa-se com a questão posta tantas vezes pelos teóricos do *eu*: como se pode permanecer o mesmo através da mudança? Fiel à sua filosofia reflexiva, Ricoeur encontrou uma resposta voltando-se para o domínio da narração. Para ele, a estabilidade do mesmo e a mobilidade da transformação conjugam-se na narração que, além disso, possui o privilégio de coordenar e unir nossos dois conceitos de tempo, a saber, o tempo vivido, subjetivamente sentido, e o tempo mensurável, cosmológico. Isso porque, para contar uma história, o sujeito narrador coloca-se obrigatoriamente entre a ocorrência dos fatos como eles aparecem na linha do tempo e a interpretação subjetiva dos mesmos.

Assim, a constituição da identidade segundo o pensamento de Ricoeur deve ser compreendida como um processo complexo, englobando a mediação reflexiva através de

uma história narrada na qual a performatividade da linguagem e a inscrição numa dimensão temporal levam a identidade individual a formar-se e exprimir-se.<sup>6</sup>

No quinto e no sexto estudos de *Soi-même comme un autre*, Ricoeur propõe uma teoria da identidade que realiza uma dialética entre a mesmidade e a ipseidade, para explicar a coexistência da estabilidade e da transformação no interior da identidade pessoal. Ricoeur distingue duas modalidades ou duas utilizações principais do termo identidade, as quais ele chama de identidade-*idem* e de identidade-*ipse*. A identidade percebida como *idem* evoca a mesmidade<sup>7</sup> (RICOEUR, 1990, p.140). Compreendida nesse sentido, a identidade assegura a permanência no tempo, opondo-se à variação e à transformação. Mas a identidade concebida apenas na sua constância e estabilidade não oferece resposta satisfatória para a questão: Quem sou eu? A noção de ipseidade (em inglês *Selfhood*, em alemão *Selbstheit*, RICOEUR, 1990, p.140) poderia contentar mais essa exigência, porque ela não veicula nenhuma significação constante. A ipseidade, cujas propriedades mais salientes são o movimento e a fluidez, é pois o modo identitário que permite a transformação – ao mesmo tempo que assegura, como veremos – uma outra forma de continuidade.

O *Si* possui uma identidade-*idem* no sentido de que desenvolveu, com o tempo, um caráter – definido por Ricoeur como “o conjunto de disposições duráveis *pelas quais* se reconhece uma pessoa” (RICOEUR, 1990, p.146) – dotado de uma estabilidade ou uma continuidade na mudança, graças aos hábitos e identificações (ou interiorizações) adquiridas. Entretanto, Ricoeur vê na manutenção de si (ou no engajamento), de que a palavra dada em promessa dá testemunho, a figura emblemática de uma outra forma de persistência identitária, a saber, a identidade-*ipse*. No caso da promessa, não é mais a mesmidade do caráter que é a garantia da palavra dada, mas um outro modo identitário, a identidade-*ipse*, cuja persistência no tempo não se funda alhures: na simples decisão que tomamos de cumprir uma promessa, engajamo-nos em permanecer o mesmo através da

---

<sup>6</sup> A noção de atestação, que Ricoeur desenvolve em *Soi-même comme un autre*, significa antes de tudo a certeza ou o poder implicado no gesto de designar-se: “[...] pode-se definir a atestação como a certeza de ser si mesmo agindo e sofrendo” (RICOEUR, 1990, p. 35). Há atestação “quando a certeza de ser o autor de seu próprio discurso e de seus próprios atos se torna convicção de julgar bem e de agir bem numa aproximação momentânea e provisória do bem viver” (RICOEUR, 1990, p.211). Essa noção implica ainda que é a ação que define o homem, considerada ela sob seu aspecto virtual: é a capacidade de poder atestar sua existência, assim como o reconhecimento dessa capacidade, que o define o homem.

<sup>7</sup> Em inglês *the sameness*, em alemão das *Gleichheit* – é o próprio Ricoeur quem traduz.

mudança: “A manutenção de si é para a pessoa o modo de comportar-se de tal forma que o outro pode *contar* com ela” (RICOEUR, 1990, p.195). A expressão *manutenção de si* representa pois uma outra permanência no tempo que não a perpetuação “mecânica” do mesmo, mas uma permanência intencional. Segundo Ricoeur, a constituição do *eu* supõe uma dialética constante entre essas duas significações da identidade representadas pelo *idem* e pelo *ipse*. Estamos diante de um modelo de identidade dinâmica no qual o *Si* é um processo e não uma substância – um processo que, veremos, tira do relato um certo número de suas características. A concepção narrativa da identidade permite descobrir e esclarecer os dois modos identitários que entram no jogo dialético estruturante com a alteridade.

Segundo minha interpretação, são as questões ligadas à identidade, à narrativa e à alteridade que constituem a matéria dramática de *A Convidada*. Voltemos a esse romance e ao conflito identitário de Françoise. A história de Françoise é a de uma mulher que se domina e que domina o mundo, em perfeita harmonia com ela mesma, e cuja existência se assenta sobre decisões racionais, tomadas conscientemente e em perfeito acordo com Pierre, seu amante. A ideologia de Françoise impregna sua versão da história do casal que abre a narração. Segundo essa história, que ela conta, as existências respectivas de Françoise e de Pierre formam só uma vida:

É verdade que não somos senão um, pensa ela com um ímpeto de amor. Era Pierre que falava, era sua mão que se levantava, mas as atitudes dele, seu modo de falar faziam parte da vida de Françoise tanto quanto da dele; ou, mais ainda, não havia senão uma vida e, no centro, um ser de que não se podia dizer nem ele, nem eu, mas somente nós (BEAUVOIR, *L'I*. 1970, p.61. Tradução do excerto).

O casal forma uma unidade aparentemente admirada por todos e todas, os dois amantes tendo, de comum acordo, optado pela transparência e, assim, ultrapassado as baixezas a que conduzem o individualismo, o egoísmo e o ciúme. Eles têm uma confiança absoluta na linguagem racional e seu poder de esclarecer tudo e tudo resolver. O trecho acima mostra a versão existencialista do mito romântico da união de almas, impregnado de palavras de ordem existencialistas em que se subentende transparência e autenticidade. A identidade de Françoise lhe parece atribuída na e por essa visão ilusória de uma aliança perfeita, da qual ela participa de boa vontade e com toda consciência. Mesmo se a história do casal comporta outros componentes menos redutores e mais libertadores que o mito em questão, é a força significativa da história de uma “assimilação” amorosa e existencial que

será fatal para Françoise. Ela não se questiona sobre sua validade, porque essa aliança mítica é intelectualmente definida e interiorizada; ela se compreende em função dos valores constitutivos de seus ideais. Seu sentimento de identidade individual coincide assim com seu sentimento de solidariedade com Pierre, o que aumenta a beleza de sua história e a fascinação que ela exerce sobre Françoise. Paradoxalmente, Françoise se singulariza por sua dependência de um outro sujeito, por pertencer a um duo. Uma identidade “conjugal” absorve sua identidade pessoal e pauta seu comportamento. Françoise toca, pois, com partituras impostas – por ela mesma e conjuntamente pelos outros. Se essa unidade perfeita fala com uma só voz no romance, não se pode deixar de sublinhar que é a voz de Françoise que escutamos e que é a história de Françoise que nos é contada, não a de Pierre. É Françoise narradora que afirma:

A vida deles, essa era parecida; (...) nem o tempo nem a distância podia dividi-la; (...) esses instantes esparsos, eles os prendiam fielmente num conjunto único em que o teu e o meu se tornavam indiscerníveis. Nenhum dos dois jamais desviava disso sua atenção por pouco que fosse; isso seria a pior traição, a única possível (BEAUVOIR, *L'I.* 1970, p.61. Tradução do excerto).

No nível metanarrativo, essas duas “declarações de programa” que acabei de citar chamam a atenção pela insistência quase obsessiva na coerência, na unificação e na permanência temporal – como se esse estado de sonho fosse se prolongar infinitamente. No ato de definir-se através da história do casal ideal, Françoise revela sua identidade percebida como *idem*. Ricoeur salienta a força da identidade assim concebida: “A força lógica do mesmo (*same*), ele diz, eclipsa a do si (*self*)” (RICOEUR, 1990, p.52).

Aliás, as histórias individuais inscrevem-se sempre nas histórias coletivas: Françoise é, pois, uma personagem nas histórias dos outros. A história de Françoise “circula” no ambiente do casal, que, seduzido ou pelo menos impressionado pela superioridade intelectual desse sujeito duplo, a reforça e a consolida incessantemente. É como se existisse um acordo, um contrato tácito singular, constantemente reformulado e vitalizado pela mediação que se faz entre os níveis individual e coletivo. Assim, temos aqui um exemplo no qual a alteridade entra na composição do mesmo, reforçando-o. O sujeito narrador e o sujeito narrado parecem coincidir na perfeita identificação de Françoise, a qual nenhuma das personagens (até então) contesta. A consolidação da história do sujeito duplo

se faz através de um processo dialético no qual Françoise se identifica com a imagem que ela mesma produziu, em que ela é heroína e modelo de sua própria vida. Essa observação não tem nada de original, é descrita profusamente nos estudos sobre o homem e a constituição da identidade individual. Charles Taylor, cuja concepção narrativista da formação da identidade é próxima da de Ricoeur, afirma que: “Um agente humano de todo competente não só tem algum entendimento sobre si mesmo, mas é parcialmente constituído por esse entendimento. (...) Somos constituídos por auto-interpretações fortemente avaliativas” (TAYLOR, 1985, p.3-4). Ricoeur também salienta a sutileza do processo de constituição “coletiva” da identidade: “Numa grande parte, com efeito, a identidade de uma pessoa, de uma comunidade, é feita dessas *identificações-com* valores, normas, ideais, modelos, heróis *nos* quais a pessoa, a comunidade se reconhecem. O reconhecer-se *em* contribui para o reconhecer-se *com*” (RICOEUR, 1990, p. 146). Taylor insiste também na importância da comunidade, que forma o espaço de interlocução e o quadro de referência no processo da formação da identidade individual:

A identidade desembaraçada e sua concomitante noção de liberdade tende a gerar um entendimento do indivíduo como metafisicamente independente da sociedade. (...) Mas o que ela oculta é o modo como um indivíduo é constituído pela linguagem e pela cultura, as quais só podem ser mantidas e renovadas nas comunidades de que ele é parte. A comunidade não é só uma agregação de indivíduos (...). A comunidade é também constitutiva do indivíduo, no sentido de que a auto-interpretação que o define é tirada do intercâmbio que a comunidade assegura. Um ser humano sozinho é uma impossibilidade (TAYLOR, 1985, p.8).

Ricoeur afirma que a concepção da identidade narrativa é uma concepção da vida de uma pessoa em reelaboração contínua, baseada num tecido de histórias contadas, sejam verdadeiras ou fictícias (RICOEUR, 1985, p.356). No romance de Beauvoir também – ou na vida de Françoise – as histórias contadas se multiplicam à medida que o relato progride, oferecendo ao leitor outras perspectivas sobre a formação identitária da heroína. Uma história em particular vai minar a que acabei de apresentar, dando acesso a componentes identitários menos harmoniosos. Segundo Ricoeur, “Caberá a uma reflexão sobre a identidade narrativa pesar os traços imutáveis que ela deve à ancoragem da história de uma vida num *caráter* e os traços que tendem a *dissociar* a identidade do si da mesmidade do caráter” (RICOEUR, 1990, p.148, *italicos meus*).

Voltemos à cronologia do relato. É com a entrada em cena da convidada, Xavière, que uma outra história se esboça nas entrelinhas e começa a fazer concorrência à primeira. Quase imperceptível inicialmente, sua voz textual se torna cada vez mais insistente no turbilhão dos acontecimentos nos quais Françoise logo será envolvida. Sua gênese nos lembra os efeitos dos mecanismos da narração sobre a fabricação de um relato. Os fatos dispersos que formam, por assim dizer, “a matéria prima” de uma história perdem o caráter aleatório quando são submetidos às forças estruturantes da narração. Através da escolha dos elementos narrativos e sua integração no conjunto da história (a construção da intriga), criam-se coerências, cronologias e significações orientadas, o que dá uma impressão de necessidade onde, no início, só havia incerteza e contingências.<sup>8</sup>

Resumindo as principais etapas dessa segunda história: a ingenuidade do casal ou seu espírito generoso – o que não tem importância nesse contexto – dá-lhe a ideia de um trio, uma experimentação baseada antes de tudo na necessidade de oferecer uma outra imagem menos convencional do amor, uma imagem que deve negar a possessividade, o ciúme e a dependência. No início, Pierre e Françoise conduzem o jogo. Mas logo as bases são lançadas para “a pior traição, a única possível”, pois a convidada não se comporta como uma hóspede fácil de seduzir nem de manipular – o que exerce uma certa atração sobre Pierre: “Você pode nos olhar sem medo, como dois indivíduos distintos” (BEAUVOIR, *L’I.* 1970, p.78), diz ele a Xavière, na presença de Françoise. A reação de Françoise demonstra sua luta para manter o controle da sua história, integrando ao mesmo tempo, a resposta de Pierre: “Está certo, diz Françoise com um fervor que não parecia soar falso; seu coração estava um pouco apertado; não somos senão um, é muito bonito; mas Pierre reivindicava sua independência; naturalmente que, num certo sentido, eles eram dois, ela sabia bem” (BEAUVOIR, *L’I.*1970, p. 78).

Essa passagem é interessante e mesmo exemplar em termos da configuração das duas histórias ou das duas versões da realidade que se confrontam e que entrarão doravante

---

<sup>8</sup> Ricoeur introduz, em *Soi-même comme un autre*, a noção de concordância-discordância característica do relato, um princípio dialético de ordem e de construção da intriga que gera a ordenação dos fatos. Segundo o princípio da concordância, todo elemento se integra na totalidade do relato criando sua unidade, o princípio da discórdia permitindo os efeitos de ruptura e de descontinuidade. Na opinião de Ricoeur, essa dialética pode ser transposta para a própria personagem e para a história de sua vida, quer dizer, para sua identidade: “A síntese concordante-discordante faz com que a contingência do acontecimento contribua para a necessidade, de algum modo retroativa, na história de uma vida, a que se iguala a identidade da personagem. Assim, o acaso é transformado em destino.” (RICOEUR, 1990, p.175)

em concorrência no espírito de Françoise. A afirmação inicial – “Está certo” – é acompanhada de um volteio circunstancial – “com um fervor que não parecia soar falso” –, o qual revela ao leitor a luta interior de Françoise e seu esforço justamente para dissimular sua inquietação nascente. A afirmação pronunciada em voz alta, ajudada por um suposto tom que reforça a mensagem, mostra seu esforço em manter a ideologia do casal. Ao mesmo tempo, os sentimentos percebidos no início como puro ciúme – e como tal inaceitáveis – exprimem-se, eles também, através da linguagem corporal: “seu coração estava um pouco apertado”. Esses sentimentos “proibidos” lançarão a base da segunda história, que se opõe cada vez mais à primeira. Pois logo se ergue em Françoise uma voz traidora, traidora em relação à ideologia que ela acredita compartilhar com Pierre e segundo a qual ela se interpreta e interpreta todos os acontecimentos novos na vida de ambos.<sup>9</sup> Como acabamos de ver, foi ele quem deu o primeiro passo para incitar Françoise a desviar-se da ideologia comum. Mas, pouco a pouco, a história da traição toma forma; segundo a lógica da construção da intriga, ela abre um caminho e começa a viver sua própria vida, alimentando-se dos acontecimentos e dos sentimentos dispersos, reclamando seu próprio desenvolvimento. As duas histórias mostram o conflito identitário de Françoise. Na primeira, ela reconhece-se e eleva-se acima dos outros por sua calma, sua dignidade, sua serenidade – ela representa a certeza, a constância, a solidez, ela é uma mulher em quem se pode confiar. Ela é sempre a mesma. A outra história conta a dissolução dessa ilusão de mesmidade e de permanência no tempo. Na terminologia de Ricoeur, ela contradiz a identidade-*idem* e revela a identidade-*ipse*. A ipseidade que, repito, associa-se à permeabilidade, à incerteza, à temporalidade instável. Aliás, é difícil de defini-la mais precisamente, pois, como diz Ricoeur,

Não se vê como a propriedade da ipseidade poderia figurar numa lista de predicados atribuídos a um entidade, mesmo uma tão original quanto a pessoa. Parece que ela deve ser buscada na esfera da autodesignação ligada à enunciação e não na esfera da “coisa” que serve de termo numa referência identificadora (RICOEUR, 1990, p.48).

A autodesignação, para Ricoeur, é a expressão na linguagem da consciência de si. Ora, Françoise dá primazia ao Mesmo em relação ao Si: com uma força quase sobre-

<sup>9</sup> Simone de Beauvoir, em *A força da idade*, comenta a propósito da redação de *A Convidada*: Françoise se determina essencialmente em função de Pierre (BEAUVOIR, *L'I.* 1970, p.351).

humana, ela joga-se em esforços repetidos para agarrar-se à sua mais bela história e para dominar as ameaças da outra, enquanto essa, de cunho subversivo, ganha espaço. O caráter antinômico das duas histórias faz com que elas não possam coexistir abertamente. Muito ocupada em proteger a ideologia sobre a qual se baseia sua “bela” história, Françoise não ousa revelar os sentimentos proibidos para os outros e oferecer-se ao julgamento deles.

Parece-me que se pode dizer que a desventura que acontece no final do relato já se encontra em germe nessa segunda história e no fato justamente de que ela não é mediada pela narração aberta. A narradora dessa história secreta não se mostrará nunca – nem se objetivará nunca no mundo e será submetida ao exame e à reformulação que propõe continuamente a alteridade. A identidade narrativa, baseada na dialética de uma identidade *idem* e de uma identidade *ipse*, assegura “a coesão de uma pessoa no encadeamento de uma vida humana” (RICOEUR, 1992, p.219). No caso de Françoise, a dissociação entre *ipse* e *idem* aumenta num ritmo que vai se acelerando.

Em várias passagens ao longo do relato, as duas histórias se chocam numa luta contínua e logo essa luta o domina. A característica mais evidente da segunda história é que ela é inteiramente muda: no centro da história fictícia vivida pelos personagens, ela só tem uma destinatária (e destinador) que é Françoise. Pois é a sua voz interior que tenta se exprimir, cada vez mais penetrante e insistente, mas nunca pronunciada pela palavra. Nunca Françoise fala disso com Pierre, jamais essa história é apresentada ao julgamento das pessoas a sua volta, não se pondo nunca em movimento, portanto, os mecanismos reparadores da alteridade e da diferença. Isso se exprime nas várias manifestações corporais da confusão de Françoise: os olhos que queimam, as lágrimas que ela não consegue segurar, o coração batendo, o sangue que sobe ao rosto, os tremores, os dentes apertados etc., tantos sinais de uma dissonância no fundo dela mesma. Isso aparece ainda sob a forma de reflexões introspectivas, confusas inicialmente, mais focalizadas depois.

Preso nos conflitos dilacerantes do trio, com Xavière se recusando a entrar no jogo do casal e a assumir seus valores, Françoise procura conjurar o demônio que se manifesta sob a figura do ciúme e do egocentrismo nascentes, mas não consegue exorcizá-lo. Seu despertar deve necessariamente passar por esse tipo de sentimentos desprezados ou renegados. Os sintomas de seu mal-estar se multiplicam, forçando-a a enfrentar outros modos existenciais, a assumir outras camadas identitárias até então dissimuladas sob o peso

esmagador da identidade-dupla do casal. Exemplo: só quando fica doente, no hospital, é que Françoise descobre realmente seu corpo, o qual até então só era parte da sua identidade-*idem* e com o qual ela não se preocupava verdadeiramente: “A mesmidade do corpo próprio oculta sua ipseidade”, diz Ricoeur (1990, p.46).

Em seguida, a própria linguagem de Françoise se deteriora – a sintaxe despedaçada, com uma simplicidade infantil e nua, avisa o leitor de sua crise profunda:

Era preciso adivinhar; era preciso adivinhar tudo, o que Pierre sentia, o que estava bem, o que estava mal e o que queria ela mesma no fundo de seu coração. Françoise terminou de esvaziar seu copo. Ela não podia ver mais claro, mais claro que tudo. Não havia mais que detritos informes à sua volta, e o vazio nela, e por toda parte a noite (BEAUVOIR, *L'I.* 1970, p.316).

Temos a impressão de que ela sente que está perdendo todo traço humano, “ela tinha perdido todo o controle sobre o seu corpo e os seus pensamentos lhe fugiam, ela era apenas uma velha máquina estragada” (BEAUVOIR, *L'I.* 1970, p.441). Está claro que Françoise chegou então ao “grau zero” de sua existência, em que tudo é confusão e tudo pode acontecer.

Outro sintoma: Françoise parece perder a consciência subjetiva do tempo. Ser, é ser no tempo, diz Ricoeur, salientando também que o tempo só pode ser concebido pela mediação da narração. Para Françoise, nesse processo de revelação de sua ipseidade, o passado, o presente e o futuro parecem perder seu conteúdo como ponto de referência para o seu Ser – ela está, podemos dizer, cada vez mais perturbada pelo tempo. Suas reflexões a esse respeito mostram uma dor, ou mesmo uma ansiedade crescente:

A paixão tinha secado as riquezas do passado e, neste presente árido, não havia mais nada para amar, mais nada para pensar; as ruas tinham retirado as lembranças e as promessas que antes prolongavam ao infinito sua existência; elas não eram, sob o céu incerto perfurado de breves nesgas azuis, mais que distâncias a serem vencidas (BEAUVOIR, *L'I.* 1970, p.410).

(...) Não restava nenhuma salvação. Era possível fugir, mas era necessário sem dúvida retornar, e então seriam outras esperas, e outras fugas, sem fim (BEAUVOIR, *L'I.* 1970, p.446).

É, pois pela presença de Xavière que Françoise descobre não quem ela é – mas quem ela não é. O sentimento de vazio existencial está intimamente ligado ao desenvolvimento do jogo de relações no interior do trio:

Muitas vezes ela fora atravessada pelo ciúme, tivera a tentação de odiar Pierre, de querer mal a Xavière, mas, com o pretexto vão de manter-se pura, esvaziara a si mesma. (...) Françoise não ousara ser ela mesma, e compreendia, numa explosão de sofrimento, que essa fraqueza hipócrita a conduzira a não ser de todo nada (BEAUVOIR, *L'I.* 1970, p.363-364).

Mesmo que Xavière tenha realmente tudo para desagradar (sendo odiosa, aborrecida, vingativa, instável, egoísta, excessiva, ingrata, patética, teimosa...) e que Françoise seja muito superior a ela na maior parte dos planos, Xavière é uma mulher que é senhora de si: “Ela [Françoise] *assistia à sua história* como um espectador indiferente, sem jamais ousar se afirmar, enquanto que, dos pés à cabeça, Xavière era uma total afirmação viva de si” (BEAUVOIR, *L'I.* 1970, p.369). Françoise compreende que o fundamento teórico do projeto do trio a havia de fato despossuído de si mesma, tendo impedido sua própria afirmação de si. E à medida que Françoise se aniquila aos seus próprios olhos, a importância de Xavière aumenta:

Ela existia com uma força tão segura que Françoise, fascinada, se tinha deixado levar a ponto de preferi-la em detrimento de si e de suprimir-se. *Ela tinha-se posto a ver com os olhos de Xavière* os lugares, as pessoas, os sorrisos de Pierre; ela tinha chegado a não mais se conhecer que através dos sentimentos que Xavière lhe trazia, e agora buscava confundir-se com ela (...) (BEAUVOIR, *L'I.* 1970, p.369).

Essas passagens fazem abertamente alusão a uma transferência de autoridade narrativa entre Françoise e Xavière, lembrando a importância primordial da narração para as questões identitárias. A primeira história de Françoise (construída, como vimos, sobre a certeza da unidade, da continuidade e da mesmidade) decompõe-se por falta do apoio que constituem as estruturas mais elementares: o ponto de vista, a linguagem, a intriga, a temporalidade etc. Assim, tudo leva à sua dissolução e, com ela, à ilusão de uma identidade substancial não-mediada pela narração.

Em uma discussão entre Françoise e Pierre sobre o trio e a maneira como Xavière se recusa a pensar como eles, o texto mostra novamente a ruptura que ela vive, aumentando a separação entre exterioridade e interioridade: “Não tem remédio, diz Françoise. Ela sorri.” E, em seguida, sua voz interior acrescenta ao discurso indireto livre: “Seria preciso matar Xavière” (BEAUVOIR, *L'I.* 1970, p.381). Na presença de Xavière, o mesmo

procedimento: “Num ímpeto de raiva impotente, Françoise desejou apertar com suas mãos essa cabecinha dura até fazer com que se partisse; não havia portanto nenhum meio de forçar a retirada de Xavière? (...) ‘Eu poderia ajudar você, estou certa disso’, diz ela com uma voz trêmula de cólera” (BEAUVOIR, *L’I.* 1970, p.404). Mas Xavière permanece inalterável: “Ela queria chorar diante de Françoise, mas sem permitir que compartilhasse suas lágrimas” (BEAUVOIR, *L’I.* 1970, p.405). Não há mudança possível, nenhum meio de recuperar a história para fazê-la de novo acorde com os ideais de Françoise.

A história da experiência de Françoise pode ser concebida em termos de uma perda de identidade enquanto tema do romance contemporâneo. É justamente a propósito disso que Ricoeur se pergunta:

Mas o que significa então perda de identidade? Mais exatamente, de qual modalidade de identidade se trata? Minha tese é que, postos no enquadramento da dialética do idem e do ipse, esses casos enigmáticos da narratividade se deixam reinterpretar como desnudamento da ipseidade pela perda do suporte da mesmidade (RICOEUR, 1990, p.177-178).

“Eu não sou nada” (...): mas quem é ainda *eu* quando o sujeito diz que não é nada? Um si privado do socorro da mesmidade, dissemos e repetimos. Que seja. Dessa perspectiva, à hipótese não faltam comprovações existenciais: com efeito, pode ser que as transformações mais dramáticas da identidade pessoal devam passar pela prova desse nada da identidade (...) (RICOEUR, 1990, p.196).

Na ótica desse pensamento, parece-me que Françoise deve passar por esse estado de perda, quer dizer, por uma destituição da ipseidade, para poder recomeçar na direção de uma concepção de si mesma que seja mais integradora. Assistimos à dissolução da história principal que deu forma à sua existência; agora, veremos um novo ponto de partida para Françoise, ao assumir a responsabilidade da autoridade narrativa, que, apesar das consequências mortíferas, lhe oferecerá a oportunidade de restabelecer a dialética que faltava na sua primeira história. Na teoria de Ricoeur, há uma ligação profunda entre narratividade e identidade concebida como ipse:

A ipseidade pode escapar do dilema do Mesmo e do Outro, na medida em que sua identidade repousa numa estrutura temporal conforme ao modelo de identidade dinâmica a partir da composição poética de um texto narrativo. O si-mesmo pode assim ser dito, refigurado pela aplicação reflexiva das configurações narrativas. Diferentemente da identidade abstrata do Mesmo, a identidade narrativa, constitutiva da ipseidade, pode incluir a mudança, a mutabilidade, na coesão de uma vida (RICOEUR, 1985, p.355).

Aplicadas à análise do caso de Françoise, as reflexões de Ricoeur ajudam a revelar na sua história a falta evidente de dialética entre a mesmidade e a ipseidade, e entre ipseidade e alteridade – ou, dito de outra maneira, a refiguração do si-mesmo por meio da narração.

Quando a força da mesmidade, que caracteriza a identidade-idem, fraqueja e, no fundo da velha máquina, um outro motor começa a funcionar, é sob a forma de uma irrupção de emoções muito tempo reprimidas: “Em face de Xavière, ela sentia, com uma espécie de alegria, que algo negro e amargo nela se levantava, algo que ela ainda não conhecia e que era quase uma libertação: potente, livre, expandindo-se enfim sem constrangimentos, era o ódio” (BEAUVOIR, *L’I.* 1970, p.452). Quando Françoise começa finalmente a se descobrir, ela se descobre diferente dela mesma, experimenta a cisão da sua identidade: “As palavras comprimiam-se em sua boca com tanta violência que pareciam sufocá-la. Françoise considerava com horror que essa mulher que os olhos fulgurantes de Xavière contemplavam, essa mulher era ela” (BEAUVOIR, *L’I.* 1970, p.507).

Trata-se agora, para Françoise, de reconquistar-se, para renascer do nada a que a levaram as circunstâncias, suas próprias escolhas e seus pecados por omissão – e para renascer inteira. Os sentimentos destrutivos e de ódio que acompanham o júbilo da libertação avisam ao leitor que Françoise está longe de assumir o papel construtivo da alteridade de Xavière. Ela ainda não está nesse ponto: seu medo é que Xavière se apodere dela e a force entrar na sua história.

Mesmo se a decisão de matar Xavière parece ter sido tomada fria e calmamente, Françoise está na realidade em pânico. Ela não quer arriscar perder-se na alteridade e recair na posição de objeto de outra pessoa, ela quer sua liberdade, a liberdade inclusive de descobrir a parte de si mesma que ainda não conhece. Se Xavière continuasse a viver, “cada manhã renasceria essa mulher detestada que era doravante Françoise” (BEAUVOIR, *L’I.* 1970, p.508).

A interação implica sempre a possibilidade de uma dissimetria, de um poder-sobre outrem, e também o risco de violência, ou, segundo Ricoeur: “os desvios maléficos da interação” (1990, p.225). Partindo da ideia de que a capacidade de constituição identitária está ligada à narração e ao relato, penso que a autoridade narrativa é um fator decisivo nesse drama. Tendo de certo modo perdido a capacidade de designar-se na primeira pessoa,

o ato de matar Xavière torna-se para Françoise uma espécie de autodesignação sob a forma trágica. A parte do ipse na identidade de uma pessoa é a “garantia”, pode-se dizer, de iniciativas que são autenticamente novas, que se liberam do mesmo, do já conhecido: “A preocupação de si parece constitutiva da ipseidade”, diz Ricoeur (1990, p.165). Mas ao absurdo do assassinato corresponde a futilidade de uma autodesignação sem reflexividade e, assim, seu ato desesperado é um impasse, uma pura destrutividade.

Parece-me que Beauvoir e Ricoeur compartilham algumas perspectivas de reflexão, de questionamentos e de “respostas” – o que me motivou a fazer um paralelo entre os dois escritores e seus modos singulares de articulação da leitura de um texto literário: “Não podemos jamais nos conhecer, mas apenas narrar-nos”, disse Simone de Beauvoir. A identidade narrativa, segundo Ricoeur, é “proveniente da retificação sem fim de um relato anterior por um relato ulterior e da cadeia de refigurações que daí resulta” (RICOEUR, 1985, p.357-358). Os dois veem na ficção literária um laboratório para o estudo do ser humano e das relações humanas. Segundo Beauvoir, um bom romance “permite que se façam experiências imaginárias tão completas, tão inquietantes quanto as experiências vividas. O leitor interroga-se, duvida, toma partido e essa elaboração hesitante de seu pensamento é para ele um enriquecimento que nenhum ensino doutrinário poderia substituir” (BEAUVOIR, 1963, p.92). Para Ricoeur, “é na ficção literária que a junção entre ação e agente melhor se deixa apreender e (...) a literatura comprova ser um vasto laboratório para experiências mentais em que essa junção se submete a inúmeras variações imaginativas” (RICOEUR, 1985, p.88).

Nenhum dos dois concorda com a ideia de uma identidade substancial: os esforços para se conhecer devem passar pela narração e pela articulação com o mundo que essa representa. Além disso, como precisei no início deste artigo, os dois transmitem a ideia fundamental de que a identidade de uma pessoa é indissociável dos atos de que ela é a autora. Da mesma forma, a identidade pessoal implica sempre – para os dois – uma reciprocidade entre o si e o outro que não o si. Esses paralelos entre seu pensamento me permitiram ver, à luz de certos conceitos elaborados por Ricoeur, a importância que Beauvoir dá às questões relativas à identidade.

O impacto da presença do Outro em *A Convidada* é tão marcante quanto em certas obras de Sartre, mas o romance de Beauvoir parece orientado mais para as consequências

da alteridade para a identidade pessoal e menos para os efeitos ontológicos da luta de consciências. Desde seu primeiro romance abre-se pois, para Beauvoir, o caminho em direção à preocupação ética.

## REFERÊNCIAS

BARNES, Hazel. **The literature of possibility: A study in humanistic existentialism.** London: Tavistock, 1961.

BEAUVOIR, Simone de. **L'invitée.** Paris: Gallimard, 1970.

BEAUVOIR, Simone de. **La force de l'âge.** Paris: Gallimard, 1960.

BEAUVOIR, Simone de. **L'existencialisme et la sagesse des nations.** Paris: Nagel, 1963.

FALLAIZE, E. **The novels of Simone de Beauvoir.** London: Routledge, 1988.

FRANCIS, C.; GONTIER, F. **Les écrits de Simone de Beauvoir: la vie, l'écriture, avec en appendice: Textes inédits ou retrouvés.** Paris: Gallimard, 1979.

KAUFMANN, Jean-Claude. **L'invention de soi: une théorie de l'identité.** Paris: Armand Colin, 2004.

LUNDGREN-GOTHLIN, Eva. **Sex and existence: Simone de Beauvoir's 'The Second Sex'.** London: Athlone, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Sens et non-sens.** Paris: Nagel, 1966.

RICOEUR, Paul. **Du texte à l'action.** Paris: Du Seuil, 1986.

RICOEUR, Paul. **Soi-même comme un autre.** Paris: Du Seuil, 1990.

RICOEUR, Paul. **Temps et récit.** Tome III: Le temps raconté. Paris: Du Seuil, 1985.

RICOEUR, Paul. **Lectures 2.** Paris: Du Seuil, 1992.

TAYLOR, Charles. **Human agency and language.** Cambridge: Cambridge University Press, 1985